

# A VIDA CÍNICA DE CLEANTE DE ASSOS: AMOR AO LABOR COMO VIDA FILOSÓFICA

Danilo Costa Nunes Andrade Leite

Universidade de São Paulo

[danilo.leite@usp.br](mailto:danilo.leite@usp.br)

## RESUMO

O presente estudo busca explorar, especificamente, a relação entre o cinismo e Cleanthes, o segundo líder da Estoá e discípulo de Zenão, expressa no modo como sua vida foi narrada. Segundo essa tradição, sua vida exprime uma afinidade com a vida dos cínicos centrada na ideia de φιλοπονία, ou amor ao labor. Assim como no caso dos cínicos, sua disposição para enfrentá-lo fez com que vivesse sistematicamente a observação de si e a recusa ao prazer. Se os relatos sobre sua vida e morte, anedotas, apotegmas devem ser lidos no contexto das sucessões filosóficas produzidas para mostrar a relação entre o estoicismo e, em última instância, Sócrates, não por acaso a vida de Cleanthes serve como material para isso.

**Palavras-chave:** doxografia; cinismo; estoicismo antigo; Cleanthes de Assos; Diógenes Laércio.

## ABSTRACT

I intend to explore the relationship between cynicism and Cleanthes, Stoa's second leader and disciple of Zeno, by studying his life. According to the tradition, his life expresses an affinity with the life of the Cynics centered on the idea of φιλοπονία, or love of toil. Just as in the case of the Cynics, his willingness to face toils and penances made him systematically observe himself, and refuse pleasure. Although the accounts of his life and death, anecdotes, apothegms should be read in the context of the philosophical successions produced to show the relationship between Stoicism and, ultimately, Socrates, it is not an accident that Cleanthes' life serves as material for this.

**Keywords:** Doxography; Cynicism; Ancient Stoicism; Cleanthes of Assos; Diogenes Laertius.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O título deste estudo parece não deixar margem à dúvida a respeito da influência cínica na formação de Cleanthes de Assos. Contudo, a tentativa de

<sup>1</sup> O presente estudo foi apresentado em versão preliminar na II Semana de Estudos Clássicos do Amazonas, - II SECLAM, realizada em Manaus entre 30 de maio e 2 de junho de 2018. Agradeço primeiramente os comentários e perguntas feitos pelos colegas presentes à sessão temática de filosofia antiga e, nominalmente, a Antonio Júlio Garcia Freire. Agradeço Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-18, e019003, 2019

expor sistematicamente uma relação particular entre ele e os seguidores de Antístenes, por meio dos testemunhos e relatos antigos sobre suas opiniões, vida, anedotas, bem como as consequências dessa relação, ainda não foi tentada.<sup>2</sup> A principal razão é que pouco restou do que ele mesmo escreveu, com a exceção do “Hino a Zeus”,<sup>3</sup> e por isso conclusões a respeito de outros filósofos que teria estudado estão reduzidas aos fragmentos disponíveis,<sup>4</sup> à lista de suas obras<sup>5</sup> e ao próprio “Hino”. Se a literatura da área ainda não se debruçou sobre pontos específicos de contato entre Cleantes e o cinismo, isso se deve em parte à razão apenas mencionada, mas também à própria concepção de sabedoria e filosofia dos cínicos, como um modo de vida<sup>6</sup> livre de convenções irracionais, centrado na coerência entre pensamento e ação e dispondo de meios para promover no neófito a capacidade de bastar-se e de atingir a virtude.<sup>7</sup>

Essa forma de ver a formação e a atividade do sábio, por vezes em conflito com os costumes, a religião e visando inquietar o interlocutor,<sup>8</sup> produziu um corpo de textos, testemunhos, anedotas (χρηῖα<sup>9</sup>) e aforismos difíceis de serem avaliados enquanto sistema com problemas, doutrinas e argumentos, como se costuma fazer em outros casos. Não é o foco deste estudo comentar as dificuldades metodológicas ligadas a essa reconstrução do cinismo antigo,<sup>10</sup> apenas lançar mão desse movimento filosófico para compreender melhor o valor dos testemunhos sobre a vida de Cleantes.

também os comentários aos pareceristas deste periódico, os quais busquei contemplar e acolher completamente. Os nomes de autores e obras antigos são abreviados de acordo com o *Oxford Latin Dictionary* e o *Greek-English Lexikon* de Liddell e Scott; com a exceção da edição de Dorandi de Diógenes Laércio, 2013 [DL], todos os textos antigos citados correspondem às edições do *Thesaurus Linguae Graecae*, as quais são referidas na seção final. As citações de obras antigas são acompanhadas pela referência aos *Stoicorum Veterum Fragmenta* [SVF], editados por Hans von Arnim, aos *Socratis et Socraticorum Reliquiae* [SSR], de Giannantoni. Todas as traduções e grifos são nossos, salvo indicação expressa em contrário.

<sup>2</sup> Com exceção de uma nota sobre Cleantes feita por Goulet-Cazé em seu estudo sobre a ascese cínica (2001, pp. 165-166). Mais adiante na mesma obra (p.233), Cleantes é incluído na lista de filósofos cínicos conhecidos, cuja existência histórica é atestada. Cabe notar que nenhum outro discípulo direto de Zenão, segundo o levantamento feito por Goulet-Cazé, teria sido reconhecido na Antiguidade também como cínico.

<sup>3</sup> Stob. 1.1.12 (= SVF 1.537).

<sup>4</sup> SVF 1.463-619.

<sup>5</sup> DL 7.474-476 (=SVF 1.481).

<sup>6</sup> DL 6.11 (Antístenes) e 6.48 (Diógenes de Sinope).

<sup>7</sup> Goulet-Cazé, 2001, pp. 53-76 e pp. 150-158. Desde a primeira edição dessa obra, o conceito de ascese cínica, e sua finalidade moral, recebeu um estudo e reconhecimento renovados (Chouinard, 2016, p. 69).

<sup>8</sup> Stob. 3.16.68.

<sup>9</sup> Navia, 1998, p.45.

<sup>10</sup> *idem*, pp. 11-14.

O presente texto está dividido da seguinte maneira: uma exposição breve da filosofia cínica e da cronologia provável da vida de Cleantes, cujo propósito é estabelecer a probabilidade histórica de sua formação junto a Crates e os temas cínicos recorrentes em suas biografias; uma segunda parte sobre sua vida assimilando explicitamente tais traços cínicos; uma terceira parte tratando da centralidade da φιλοπονία (amor ao labor<sup>11</sup>) nessas narrativas; por último, algumas considerações finais.

Primeiramente, para comprovar que o cinismo teve alguma ascendência na formação filosófica de Cleantes, é preciso expor previamente as características do movimento filosófico iniciado por Antístenes e Diógenes que interessam para o tema.<sup>12</sup> Há diferenças relevantes entre os principais representantes do cinismo antigo e a posição de Antístenes como fundador do cinismo é um ponto disputado. Contudo, do ponto de vista estoico era interessante a filiação a Diógenes, Antístenes e Sócrates.<sup>13</sup> Essa organização da linha sucessória, completada por Crates e Zenão, ajudava a explicar a ética do Pórtico, por um lado, e a remontar sua origem, ainda que indiretamente, ao próprio Sócrates.<sup>14</sup> Isso significava ter o direito a reivindicar Sócrates como modelo ético e as teses socráticas.

Seria trivial lembrar, portanto, que, como discípulo de Zenão,<sup>15</sup> por sua vez discípulo de Crates de Tebas,<sup>16</sup> Cleantes teria sofrido a influência do movimento filosófico cínico. Esta é a maneira usual de se encarar o tema, em face do relato canônico de sua vida, a ser abordado na seção seguinte. A concepção de que o estoicismo é em certo sentido a continuação do cinismo

<sup>11</sup> Em que pese a existência de alternativas para traduzir a noção cínica de ‘φιλοπονία’ e de ‘πόνος’, aqui a primeira é vertida como ‘amor ao labor’ e a segunda como ‘labor’. A justificativa deve vir dessa filosofia mesma, pois aprender a amar o labor significa não recusar nenhum esforço e buscá-lo como prática, superando o sofrimento e a dor. O fim moral da prática não se atinge pelo amor ao sofrimento, senão pela indiferença em relação a ele. A tradução de ‘πόνος’ por ‘trabalho’ poderia ser adotada em detrimento da clareza, porque essa tradução em geral está reservada a outras palavras em grego antigo, como ‘ἔργον’.

<sup>12</sup> Desde o estudo realizado por Dudley (1937), a caracterização do cinismo como escola, tal como a Academia, o Liceu e o Pórtico, foi modificada. O cinismo antigo se caracteriza melhor como movimento filosófico (pp. xi, 60). Dudley também é responsável por rever a história do movimento, relativizando a noção de sucessão entre Antístenes e Diógenes ainda em vida do primeiro (pp. 1-16).

<sup>13</sup> Um ponto ainda pouco explorado na literatura é sobre a natureza dessa filiação, se ela é una ou dupla, de fato, ou seja, se os próprios estóicos se encaravam como igualmente cínicos e socráticos ou apenas como socráticos e, na medida em que o cinismo é socrático, como cínicos. Long debate o assunto do ponto de vista da descendência intelectual de Sócrates (2001, pp. 1-34).

<sup>14</sup> Dudley, *op. cit.*, p.xi: “the ‘succession’ Socrates-Diogenes-Crates-Zeno is a fabrication”.

<sup>15</sup> DL 7.168 (=SVF 1.463).

<sup>16</sup> DL 7.2 (=SVF 1.1).

é bastante corrente desde o momento em que as *διαδοχαί* helenísticas começaram a ser elaboradas, e se exprime na própria organização da obra de Diógenes Laércio.<sup>17</sup> No proêmio da obra sobre vidas e opiniões dos filósofos ilustres, já se destaca a linha sucessória da filosofia jônica, ligando Sócrates a Crisipo.<sup>18</sup> A ordem em que as vidas e as doutrinas são apresentadas nos livros 6 e 7 de sua obra é um indício forte de que ele interpretava as duas filosofias como um contínuo. A vida de Zenão segue imediatamente a sucessão e vida dos seguidores do cinismo,<sup>19</sup> ademais as semelhanças não deixam de surgir em outras partes do livro 7, quando teses estoicas soam como repetições de teses cínicas.<sup>20</sup>

Isso se deve provavelmente à tentativa de ajustar teses estoicas às posições cínicas. Outra maneira de ler essas semelhanças seria no sentido inverso, de uma releitura estoicizante do cinismo.<sup>21</sup> De todo modo, em ambos os sentidos um problema para o presente estudo permanece: a vida de Cleantes comprova a afinidade sólida entre as escolas ou ela foi reelaborada e exposta de modo a servir como prova? A pergunta envolveria a questão a respeito de um Cleantes histórico *versus* um Cleantes-narrativa, a qual não pode ser completamente resolvida com o material disponível e que não se pretende abordar aqui.

Outro problema, no entanto, igualmente interessante, diz respeito a *por que* a vida de Cleantes pode ser tal prova ou servir como material para uma narrativa cinicizante? Esse é um problema abordável com os conjunto de fragmentos disponíveis e cuja resposta exhibe a relação particular entre esse filósofo e os cínicos.

## 2. CINISMO ANTIGO COMO QUADRO PARA UMA VIDA FILOSÓFICA

Dudley, ao tratar de traços cínicos comuns ao longo dos séculos, adotados em conjunto ou separadamente, resume o movimento em seus três aspectos básicos:<sup>22</sup> primeiramente a vida cínica, ou seja, mendicante, de andarilho, com seus atributos típicos, o cajado, a bolsa e a manta; em segundo, a divisa cínica de “*παραχάραττειν τὸ νόμισμα*” (recunhar, adulterar a moeda corrente), no

<sup>17</sup> Mansfeld, 1986, pp. 317-351; Giannantoni. In: Goulet; Goulet-Cazé. (eds.), 1993, p. 16 ss.

<sup>18</sup> DL 1.13 (= SSR 1.H5).

<sup>19</sup> Mansfeld, *op.cit.*, pp. 317-328.

<sup>20</sup> *Idem*, pp. 329-351. Essa coincidência de doutrinas está restrita, coerentemente, à ética.

<sup>21</sup> *Ibidem.*, p. 330; Caizzi, 1966, pp. 94 ss.

<sup>22</sup> *Op.cit.*, p. 60.

sentido de questionar, atacar e subverter os valores convencionais;<sup>23</sup> por último, existe o desenvolvimento, a partir da tradição literária grega, de um modo de expressão literária cínico, o σπουδαιογέλοιοιον (‘sério-cômico’), marcado pela franqueza e pelo humor mordaz. Luciano de Samósata estaria próximo a esse gênero em seus escritos cômicos.

O modo de vida cínico é simbolizado pelo uso do cajado,<sup>24</sup> da manta e da bolsa. Trata-se de um despojamento completo em relação à sociedade<sup>25</sup> e a busca de uma coerência completa entre o pensamento e as ações: “dos que tratam do que é correto sem o fazerem, todavia, ele (Diógenes) dizia que não diferiam em nada das cítaras, pois elas nem ouvem e nem percebem”<sup>26</sup> (tradução nossa).

Essa atitude implicava em desfazer-se do que não estivesse de acordo com a natureza e nem conduzir à virtude: bens materiais (DL 6.87<sup>27</sup>) e ferramentas, hábitos arraigados, rituais sem sentido. Dessa atitude e desse conjunto de tarefas decorria um louvor ao esforço, um desdém ao prazer e à valorização da pobreza como um atalho para a filosofia.<sup>28</sup>

Esse modo de vida estava inspirado no comportamento de animais, sobretudo no dos cães, sem dispensar outras espécies, como os ratos.<sup>29</sup> Se no início o apelido, inspirado na palavra grega ‘κύων’ (‘cão’), deveria soar como um vitupério, em seguida foi assumido por seus representantes; segundo o escólio à *Retórica* de Aristóteles, 4 razões os levaram a aceitar o apelido como emblema cínico: os cães são indiferentes, dormem em qualquer parte, fazem o que precisam onde quer que estejam; os cães estão acima do pudor e, portanto, acima das convenções sociais; os cães são bons guardiães e os cães sabem distinguir entre amigos e inimigos.<sup>30</sup>

O cinismo encontrou seus maiores modelos de sabedoria em Sócrates, Hércules e Ciro. Hoïstad é responsável pelo estudo que reconstrói o desenvolvimento da figura de Hércules como santo do cinismo antigo.<sup>31</sup> Todos

<sup>23</sup> Segundo os testemunhos, a origem dessa divisa teria sido um fato ocorrido na juventude de Diógenes ou um oráculo recebido por ele (DL 6.20-21).

<sup>24</sup> Com o passar dos séculos o cajado cínico será tão identificado com a clava de Hércules, que os atributos do instrumento mítico serão assimilados pelo primeiro (Voss, 1967, pp.124-125).

<sup>25</sup> DL 6.23, 6.37 (= SSR 5.B158).

<sup>26</sup> “τοὺς λέγοντας μὲν τὰ σπουδαῖα μὴ ποιῶντας δέ, ἔλεγε [scil. Diogenes] μηδὲν διαφέρειν κιθάρας· καὶ γὰρ ταύτην μῆτ’ ἀκούειν μῆτ’ αἰσθάνεσθαι.” (DL 6.64 = SSR 5.B320).

<sup>27</sup> = SSR 5.H4.

<sup>28</sup> Goulet-Cazé, 2001, pp. 22-28.

<sup>29</sup> DL 6.22 (= SSR 5.B172).

<sup>30</sup> Brandis (Ed.), 1836, p.23.

<sup>31</sup> 1948, pp. 33-63.

os aspectos do mito são reaproveitados e reinterpretados por eles para que o semideus incorpore o ideal ético desde Antístenes: “e afirmou (Antístenes) que o labor (πόνος) é um bem por meio do exemplo de Hércules e de Ciro, aportando um exemplo oriundo do mundo helênico e o outro oriundo dos bárbaros.”<sup>32</sup> (tradução nossa, DL 6.2); “eles (cínicos) acreditam que a finalidade é viver de acordo com a virtude, como Antístenes diz em seu ‘Hércules’”<sup>33</sup> (tradução nossa, DL 6.104). Os trabalhos de Hércules se tornam um modelo para o amor ao esforço de vencer cada um dos labores e sofrimentos impostos pela fortuna; o herói prefigura o desdém pelo prazer<sup>34</sup> e a capacidade de combatê-lo. Em última instância, o prazer deve resultar do labor.<sup>35</sup>

Seu nome expressamente consta no título de três das obras escritas por Antístenes, segundo Diógenes Laércio: “Hércules o maior ou sobre a força”, “Hércules ou Midas” e “Hércules ou sobre prudência ou força”.<sup>36</sup> Diógenes de Sinope também compôs uma tragédia chamada “Hércules” (DL 6.80<sup>37</sup>).

Diógenes, lançando mão da mesma figura mítica, sintetiza o primeiro e o segundo traços do cinismo, modo de vida e crítica radical às convenções,<sup>38</sup> em torno de seu conceito formativo de ascese:

Dizia (Diógenes) que há uma dupla ascese: a anímica e a corporal. [...] Trazia provas de que a partir dos exercícios facilmente se desembocava na virtude. Pois nos ofícios manuais e nos outros se vê que os artesãos adquirem uma habilidade manual extraordinária a partir da prática constante, e igualmente os flautistas e os atletas na medida em que progredem todos eles pelo esforço contínuo em sua área particular (τῆ ἰδίᾳ πονήσει τῆ συνεχεῖ), de modo que, se transferissem essa ascese ao que se refere à alma, não penariam sem saída e sem fim [...] Dizia que na vida absolutamente nada se consegue sem ascese, e que ela é capaz de triunfar sobre tudo. Então dizia que, **ao invés dos labores inúteis**, aqueles que escolherem viver felizes **devem se dedicar aos que estão de acordo com a natureza**, e que são infelizes por sua ignorância. Pois o desprezo pelo prazer, uma vez praticado, acaba se tornando prazeroso [...] Conversava sobre essas coisas e as punha em prática conspicuamente, realmente “adulterando a moeda” (νόμισμα παραχαράττων), **sem fazer nenhuma concessão ao que está conforme as convenções, senão ao**

<sup>32</sup> “καὶ ὅτι ὁ πόνος ἀγαθὸν συνέστησε [scil. Antisthenes] διὰ τοῦ μεγάλου Ἡρακλέους καὶ τοῦ Κύρου, τὸ μὲν ἀπὸ τῶν Ἑλλήνων, τὸ δὲ ἀπὸ τῶν βαρβάρων ἐλκύσας.” (= SSR 5.A85).

<sup>33</sup> “ἀρέσκει δ' αὐτοῖς [scil. Cynicis] καὶ τέλος εἶναι τὸ κατὰ ἀρετὴν ζῆν, ὡς Ἀντισθένης φησὶν ἐν τῷ Ἡρακλεῖ.” (= SSR 5.A98).

<sup>34</sup> Eus. PE.15.13.7.

<sup>35</sup> Stob. 3.29.65.

<sup>36</sup> “Ἡρακλῆς ὁ μείζων ἢ περὶ ἰσχύος”, “Ἡρακλῆς ἢ Μίδας”, “Ἡρακλῆς ἢ περὶ φρονήσεως ἢ ἰσχύος”, DL 6.15-18 (= SSR 5.A41).

<sup>37</sup> = SSR 5.B117.

<sup>38</sup> Neste estudo a palavra ‘ascese’ é utilizada para traduzir o original ‘ἄσκησις’, embora essa não seja a única opção. Como a explicação de Diógenes deixará claro, ascese também implica em ‘disciplina’, ‘treinamento’.

**que está de acordo com a natureza**, afirmando levar uma vida com o mesmo perfil daquela de Hércules, sem preferir nada à liberdade.<sup>39</sup>

A ética cínica teria duas faces, um aspecto crítico e negativo em relação aos valores estabelecidos, a “adulteração da moeda corrente”, e um positivo em relação à valorização do esforço e do labor como componentes da ascese visando um fim moral, a virtude. Em relação à liberdade de Diógenes e de seus seguidores, não é demais mencionar a busca pela autossuficiência, o exercício da franqueza e da tolerância à franqueza,<sup>40</sup> e o exercício da desvergonha.<sup>41</sup>

O verbete da Suda, a enciclopédia bizantina, que trata da vida de Cleantes (SUIDAS, ‘Κλεάνθης’, kappa 1711) serve como introdução à discussão, porque o conecta diretamente ao cinismo: “Cleantes, conhecido como Cássio, filho de Faniás e originário de Assos, **foi discípulo de Crates e depois de Zenão**, do qual também se tornou sucessor, e foi mentor do filósofo Crisipo de Solis e do rei Antígono.<sup>42</sup>” E se Cleantes, antes de estoico, tivesse sido também um discípulo direto de Crates?<sup>43</sup>

Igualmente direto é um testemunho bizantino, atribuído erroneamente a Nono de Panopolis, que o qualifica como “um dos filósofos cínicos” e como “resistente” (καρτερικός):

Trigésima quinta história é a que trata do poço de Cleantes. E ela é assim: **Cleantes, também ele, era um dos filósofos cínicos**. Ele, após se postar de pé em um poço, retirou dali a água para os presentes, e dando-lhes de beber, pegou

<sup>39</sup> “διττήν δ' ἔλεγε εἶναι τὴν ἄσκησιν, τὴν μὲν ψυχικὴν, τὴν δὲ σωματικὴν [...] παρετίθετο δὲ τεκμήρια τοῦ ῥαδίως ἀπὸ τῆς γυμνασίας ἐν τῇ ἀρετῇ καταγίνεσθαι· ὄραν τε γὰρ ἐν τε ταῖς τέχναις βαναύσοις καὶ ταῖς ἄλλαις οὐ τὴν τυχοῦσαν ὀξυχειρίαν τοὺς τεχνίτας ἀπὸ τῆς μελέτης πεπονημένους τοὺς τ' ἀλητὰς καὶ τοὺς ἀθλητὰς ὅσον ὑπερφέρουσιν ἑκάτεροι τῇ ἰδίᾳ πονήσει τῇ συνεχεῖ, καὶ ὡς οὗτοι εἰ μετήνεγκαν τὴν ἄσκησιν καὶ ἐπὶ τὴν ψυχὴν, οὐκ ἂν ἀνωφελῶς καὶ ἀτελῶς ἐμόχθουν. [...] οὐδὲν γε μὴν ἔλεγε τὸ παράπαν ἐν τῷ βίῳ χωρὶς ἀσκήσεως κατορθοῦσθαι, δυνατὴν δὲ ταύτην πᾶν ἐκνικῆσαι. δέον οὖν ἀντὶ τῶν ἀχρήστων πόνων τοὺς κατὰ φύσιν ἐλομένους ζῆν εὐδαιμόνως, παρὰ τὴν ἄνοιαν κακοδαίμονοι. καὶ γὰρ αὐτῆς τῆς ἡδονῆς ἢ καταφρόνησις ἡδυτάτη προμελετηθεῖσα [...] τοιαῦτα διελέγετο καὶ ποιῶν ἐφαίνετο ὄντως νόμισμα παραχαράττων, μὴδὲν οὕτω τοῖς κατὰ νόμον ὡς τοῖς κατὰ φύσιν διδούς. τὸν αὐτὸν χαρακτήρα τοῦ βίου λέγων διεξάγειν ὄνπερ καὶ Ἡρακλῆς, μὴδὲν ἐλευθερίας προκρίνων.” (DL 6.70-71 = SSR 5.B7 e B291). Cf. Goulet-Cazé, 2001, pp. 196-230.

<sup>40</sup> DL 6.90 (= SSR 5.H27).

<sup>41</sup> DL 6.46 (= SSR 5.B147); DL 6.94 (= SSR 5.L1); DL 7.3 (= SVF 1.1).

<sup>42</sup> “Κλεάνθης, ὁ Κάσσιος χρηματίσας, Φανίου, Ἄσσιος, μαθητῆς Κράτητος, εἶτα Ζήνωνος, οὗ καὶ διάδοχος γέγονε: διδάσκαλος δὲ τοῦ φιλοσόφου Χρυσίππου, τοῦ Σολέως, καὶ Αντιγόνου τοῦ βασιλέως.”

<sup>43</sup> Cf. Goulet-Cazé, 1986, p. 252, nota 20.

deles um pedaço de pão e comeu. Ele também é admirado junto aos filósofos como alguém resistente.<sup>44</sup>

Filodemo de Gádara, o filósofo epicurista, é o único a estabelecer uma cronologia para sua vida<sup>45</sup> usando como parâmetro o calendário grego helenístico. Segundo seu testemunho, Cleantes teria nascido durante o arcontado de Aristófanes e falecido durante o de Jasão, permanecendo na direção da escola por 32 anos. Isso resultaria em uma vida que teria durado entre 331/330 e 231/230 ou 230/229 antes de nossa era,<sup>46</sup> portanto, entre 99 e 102 anos. Outros testemunhos confirmam essa duração.<sup>47</sup>

Levando-se em conta que a vida de Crates teria transcorrido entre 365 e 285 antes de nossa era,<sup>48</sup> seria perfeitamente plausível que Cleantes tivesse convivido com Crates como seu discípulo e tivesse estudado seu modo de vida diretamente. Não é necessário, contudo, comprovar que ele foi discípulo direto de Crates para sustentar a afirmação de que ele tem uma relação particular com o cinismo.<sup>49</sup>

### 3. CLEANTES COMO VIDA DE FILÓSOFO CÍNICO: TESTEMUNHOS

A versão da Suda não é a adotada no momento de tratar de Cleantes tradicionalmente. O relato biográfico canônico em seu caso é, sem dúvida, o

<sup>44</sup> Τριακοστή πέμπτη ἐστὶν ἱστορία ἢ κατὰ τὸ φρέαρ Κλεάνθους. ἔστι δὲ αὕτη. Κλεάνθης εἷς ἦν καὶ αὐτὸς τῶν Κυνηκῶν φιλοσόφων. οὗτος ἔν τινι φρέατι ἑαυτὸν στήσας, ἠρύετο ὕδωρ τοῖς παριοῦσι, καὶ διδοὺς πιεῖν, ἐλάμβανε παρ' αὐτῶν ἄρτον καὶ ἡσθιεν. θαυμάζεται δὲ παρὰ τῶν φιλοσόφων καὶ οὗτος ὡς καρτερικός. (Pseudo-Nono. *Scholía mythologica*, orat.4, hist.35)

<sup>45</sup> Phld. *Ind.Sto.* col. 28-29 (=SVF 1.477ab).

<sup>46</sup> Meritt, 1977: 169; 177.

<sup>47</sup> V.Max.8.7.ext.11.1-10; Censorino. De die natali. 15.3. A respeito da duração da vida de Zenão, as fontes são basicamente Diógenes Laércio (DL 7.28), Pseudo-Luciano (Mac. 19.1 = SVF 1.36). Filodemo (*Ind.Sto.* col.4 = SVF 1.36a) novamente é o mais preciso e, segundo ele, Zenão viveu 101 anos, com sua morte datada durante o arcontado de Arrenides (262/261 antes de nossa era, segundo Meritt, 1977, p.174). Segundo Filodemo, Zenão teria 62 anos durante o arcontado de Clearco (301/300, cf. Meritt, *op. cit.*, p.171) e, portanto, teria atingido a idade de 101 anos. Presumivelmente teria nascido em 363/362.

<sup>48</sup> DL 6.87 (=SSR 5.H2), onde seu *floruit* está referido à 113ª Olimpíada da Antiguidade, ou seja, entre 328-325 antes de nossa era (Giannantoni. Nota 54. In: SSR, vol.4, p.562); Dorandi. In: Algra et al. (eds.), 1999, p. 52.

<sup>49</sup> Aríston de Quios, por exemplo, é o maior exemplo de estoico professando um retorno ao projeto filosófico cínico, reduzindo suas pesquisas à ética. Ele, no entanto, segundo consta, não teria sido discípulo direto de qualquer seguidor de Diógenes de Sinope.



reproduzido por Diógenes Laércio (7.168-176), com uma proposta de divisão interna realçada (‘á-’j’), aqui reproduzidos seus três primeiro parágrafos:

(a) **Cleantes**, filho de Faniás, era de Assos. Como diz Antístenes em seu “Sucessões de filósofos”, primeiro foi (b) pugilista, (c) **tendo chegado a Atenas com quatro dracmas, como dizem alguns**, e (d) **confiando-as a Zenão, começou a se fazer filósofo da maneira mais nobre** e permaneceu dentro da doutrina dele. (e) Ficou famoso por seu **amor ao esforço**, e sendo extremamente **pobre** começou a vender seu trabalho: à noite carregava água nos jardins, durante o dia se exercitava nas razões; por isso teve a alcunha também de “Poceiro”. (f) Dizem também que foi conduzido ao tribunal para dar explicações sobre como sustentava uma disposição tão boa, e que então foi liberado ao trazer como testemunha o jardineiro, junto a quem carregava água, e a vendedora de farinha, junto a quem preparava o grão. [...] Após aceitarem o que alegava, os jurados votaram em favor de lhe dar dez minas, porém Zenão o proibiu de pegá-las. (f.1) Dizem também que Antígono lhe dera três mil dracmas. (g) Levando os rapazes a um espetáculo público por uma lufada de vento foi despido e visto sem a túnica: foi agraciado com aplausos pelos atenienses conforme diz Demétrio de Magnésia em seu “Homônimos”. (h) Foi admirado, portanto, também por causa do seguinte; dizem que Antígono, um dos ouvintes presentes, lhe perguntou por que ele carregava água; ao que ele disse: “e eu somente carrego a água? E por acaso não cavo? E por acaso não rego e faço tudo com vistas à filosofia?” (i) Pois Zenão também o treinava para isso e o mandava trazer um óbolo em pagamento. [...] Então coletou as moedas e as juntou no meio dos seus interlocutores assíduos e disse: “Cleantes poderia manter outro Cleantes, se quisesse; os que têm de onde tirar o sustento, procuram prover-se do que é conveniente em outros, ainda que filosofem sossegadamente.” (j) **Por isso também Cleantes era chamado de “segundo Hércules”**.<sup>50</sup>

<sup>50</sup> “Κλεάνθης Φανίου Ἄσσιος. οὗτος πρῶτον ἦν πύκτης, ὡς φησιν Ἀντισθένης ἐν “Διαδοχαῖς”. ἀφικόμενος δὲ εἰς Ἀθήνας τέτταρας ἔχων δραχμάς, καθά φασί τινες, καὶ Ζήνωνι παραβαλὼν ἐφιλοσόφησε γενναιότατα καὶ ἐπὶ τῶν αὐτῶν ἔμεινε δογμάτων. διεβοήθη δὲ ἐπὶ φιλοπονία, ὅς γε πένης ὦν ἄγαν ὥρμησε μισθοφορεῖν· καὶ νύκτωρ μὲν ἐν τοῖς κήποις ἦντλει, μεθ’ ἡμέραν δὲ ἐν τοῖς λόγοις ἐγυμνάζετο· ὅθεν καὶ Φρεάντλης ἐκλήθη. φασὶ δὲ αὐτὸν καὶ εἰς δικαστήριον ἀχθῆναι, λόγους δάσσοντα πόθην ἐς τοσοῦτον εὐέκτης ὦν διαζῆ· ἔπειτα ἀποφυγεῖν, τὸν τε κηπουρὸν μάρτυρα παρασχόντα παρ’ ὄν ἦντλει, καὶ τὴν ἀλφιτόπωλιν, παρ’ ἣ τὰ ἄλφιστα ἔπεττεν. [...] ἀποδεξαμένους δὲ αὐτὸν τοὺς Ἀρεοπαγίτας ψηφίσασθαι δέκα μνᾶς δοθῆναι, Ζήνωνα δὲ κωλύσαι λαβεῖν. φασὶ δὲ καὶ Ἀντίγονον αὐτῷ τρισχιλίας δοῦναι. ἡγούμενόν τε τῶν ἐφήβων ἐπὶ τινὰ θεᾶν ὑπὸ ἀνέμου παραγυμνωθῆναι καὶ ὀφθῆναι ἀχίτωνα· ἐφ’ ᾧ κρότῳ τιμηθῆναι ὑπὸ Ἀθηναίων, καθά φησι Δημήτριος ὁ Μάγνης ἐν “τοῖς Ὀμωνύμοις”. ἐθαυμάσθη οὖν δὴ καὶ διὰ τὸδε. φασὶ δὲ καὶ Ἀντίγονον αὐτοῦ πυθέσθαι ὄντα ἀκροατὴν, διὰ τί ἀντλεῖ· τὸν δ’ εἰπεῖν, ‘ἀντλῶ γὰρ μόνον; τί δ’, οὐχὶ σκάπτω; τί δ’, οὐκ ἄρδω καὶ πάντα ποιῶ φιλοσοφίας ἔνεκα;’ καὶ γὰρ ὁ Ζήνων αὐτὸν συνεγύμναζεν εἰς τοῦτο καὶ ἐκέλευεν ὀβολὸν φέρειν ἀποφορᾶς. [...] καὶ ποτε ἀθροισθὲν τὸ κέρμα ἐκόμισεν εἰς μέσον τῶν γνωρίμων καὶ φησι, ‘Κλεάνθης μὲν καὶ ἄλλον Κλεάνθην δύναται’ ἂν τρέφειν, εἰ βούλοιο· οἱ δὲ ἔχοντες ὅθεν τρέφονται παρ’ ἐτέρων ἐπιζητοῦσι τὰ ἐπιτήδεια, καίπερ ἀνεμῆνός φιλοσοφοῦντες.’ ὅθεν δὴ καὶ δεῦτερος Ἡρακλῆς ὁ Κλεάνθης ἐκαλεῖτο.” (=SVF 1.463a).

Segundo este relato, sua vida, formação e importância filosófica está resumida na série de ‘a’ a ‘d’: nascimento em Assos, sua carreira como pugilista, sua chegada a Atenas e formação junto a Zenão, finalmente a sucessão na escola do Pórtico. O grupo ‘e’-‘g’ fornece testemunhos e anedotas para apresentar seu caráter centrados em seu amor ao labor, pobreza, honestidade e boa forma física com uma sugestão sobre desvergonha. Trata-se de três excertos colocados sucessivamente no texto de Diógenes Laércio sem articulação clara entre si, introduzidos abruptamente em relação ao que respectivamente lhes precede (‘e’ introduzido em grego por “διεβोधθη δε”; ‘f’ por “φασι δε” e ‘f.1’ por “φασι δε και”; ‘g’ por “ηγουμενον τε”). Uma informação é simplesmente adicionada à anterior.

O grupo ‘h’-‘j’ é distinto, pois a articulação é clara, e deve ser lido como um todo que conecta a concepção que tem sobre sua própria vida (‘h’), introduzida por “φασι δε” que inicia a história sobre interpelação por Antígono, com (‘i’) um período de valor explicativo, iniciado por “και γαρ” coordenado adiante com outro “και”.<sup>51</sup> Aqui se relata o papel diretor de Zenão em sua vida prática, internalizado e transformado em uma máxima pessoal (“τι δ’, ουκ αρδω και παντα ποιω φιλοσοφιας ενεκα;”). A oração “οθεν δη” introduz uma decorrência de ‘h’ e ‘i’: a alcunha de “segundo Hércules” decorreria de como Cleantes concebe sua própria vida e de como age em conformidade com tal concepção.

É útil anotar desde já que a maneira como ‘i’ se une a ‘h’ não é clara e precisa de uma mediação: o que a anedota sobre a capacidade de sustentar outro Cleantes deveria exemplificar e adicionar ao fato de fazer tudo com vistas à filosofia? Se qualquer ação sua é feita com vistas ao mesmo fim, qualquer exemplo serviria, porém o que há de especialmente eloquente na ação escolhida?

É oportuno agora analisar o verbete integral da Suda, com a respectiva proposta de divisão, pois esse texto possui uma resposta à dificuldade mencionada e traz um novo problema:

- (a) Cleantes, conhecido como Cássio, filho de Faniás e originário de Assos, foi (b) discípulo de Crates e depois de Zenão, (c) do qual também se tornou sucessor, e (d) foi mentor do filósofo Crisipo de Solis e do rei Antígono. Antes era (e) pugilista, e (f) vindo a Atenas (g) **foi amante da filosofia, e (h) se tornou tão amante dos labores, que (i) também era chamado de “segundo Hércules”**. (j) Isso porque, não tendo de onde tirar seu sustento, carregava água à noite em troca de salário e durante o dia se ocupava com os ensinamentos e os livros, (k) donde recebeu também o apelido de “Poceiro”. (l) Escreveu muitas obras.<sup>52</sup>

<sup>51</sup> Denniston, 1954, p.108-109.

<sup>52</sup> Κλεάνθης, ὁ Κάσιος χρηματίσας, Φανίου, Ἄσσιος, μαθητῆς Κράτητος, εἶτα Ζήνωνος, οὗ καὶ διάδοχος γέγονε: διδάσκαλος δὲ τοῦ φιλοσόφου Χρυσίππου, τοῦ Σολέως, Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-18, e019003, 2019

Esse texto se decomporia em três grupos igualmente, divididos da seguinte forma: ‘a’ a ‘d’ correspondem à origem, formação e carreira filosófica; o grupo de informações ‘e’-‘i’ expõe sua vida antes e depois da filosofia e o reconhecimento de seu mérito; o grupo ‘j’-‘l’ apresenta uma justificativa para o grupo anterior (‘j’), adicionando duas outras informações de maneira articulada. O verbete é um texto mais curto e mais coeso, iniciando com o nome do filósofo (“Κλεάνθης”), nome depois retomado no segundo período (“οὗτος”), com um terceiro período se conectando sintaticamente ao segundo (“μὴ ἔχων γὰρ”). A relação entre (‘h’) o amor ao labor e (‘i’) o reconhecimento como “segundo Hércules” é de causa e consequência, o que somente pode ser explicado por uma relação privilegiada entre labor (“πόνος”) e o semideus. Uma dificuldade diferente se apresenta, no entanto, em relação à sequência ‘g’ e ‘h’. Resta observar mais de perto por que o amor ao labor parece implicado pelo amor à filosofia (“ἐλθὼν δὲ εἰς Ἀθήνας ἠράσθη φιλοσοφίας”), e como isso explica o epíteto mitológico atribuído.

Na comparação entre as duas versões de sua vida, primeiro há de se destacar os pontos comuns: local de nascimento (Assos), o nome de seu pai (Fânias), sua carreira como boxeador e chegada a Atenas, a formação junto a Zenão e a carreira como estoico, o amor ao labor, a pobreza e os apelidos de “poceiro” e “segundo Hércules”. Em ambos os textos essas informações são transmitidas quase na mesma ordem. Com os textos cínicos em mente, sua carreira de boxeador poderia ser lida como um “labor inútil”, enquanto sua chegada a Atenas e formação junto a Zenão poderia ser interpretada como uma “transferência da ascese”.

Em relação às diferenças, as listas de informações expostas não se repetem. No relato canônico, Cleantes é discípulo de Zenão apenas, a quem entrega tudo o que tem; na atitude mesma de entregar todo o dinheiro de que dispunha, já se vê uma afinidade com outros testemunhos de discípulos que entregaram tudo ao mestre, Crates mesmo o fez ao se associar a Diógenes.<sup>53</sup> Ainda segundo este relato, seu reconhecido amor ao labor do filósofo está restrito e é explicado apenas pelo imperativo de vender sua mão-de-obra à noite para poder estudar de dia. As duas anedotas que antecedem o diálogo com Antígono, ainda que relevantes para construir o *ethos* cleanteano, se sucedem de maneira menos articulada. A origem do apelido heroico aqui está remetida à autoconcepção de vida.

καὶ Ἀντιγόνου τοῦ βασιλέως. οὗτος πρότερον ἦν πύκτης, ἐλθὼν δὲ εἰς Ἀθήνας ἠράσθη φιλοσοφίας καὶ τοσοῦτον γέγονε φίλοπονός, ὡς καὶ δεύτερος Ἡρακλῆς κληθῆναι. μὴ ἔχων γὰρ ὅθεν τραφεῖν, τὰς μὲν νύκτας ἦντλει ὕδωρ μισθῷ καὶ μεθ’ ἡμέραν τοῖς μαθήμασι καὶ τοῖς βιβλίοις ἐσχόλαζεν: ὅθεν ἐπωνομάσθη καὶ Φρεάντλης. ἔγραψε δὲ πάνυ πολλά. *Op.cit.* kappa 1711.

<sup>53</sup> DL 6.87.

No relato da Suda, a única informação nova trata de sua formação junto a Crates, pois a informação de que escreveu muito (‘I’) possui um paralelo em DL 7.174-175. A novidade aqui diz respeito antes à unidade do relato e à ordem em que as informações são trazidas. A alcunha heroica neste caso é explicada pelo amor ao labor. Ao aproximar as informações, a Suda fornece uma narrativa plenamente cínica para a vida de Cleantes.

Como tratar, então, das duas dificuldades encontradas nesta seção? Qual deveria ser a relação implícita entre a anedota servindo de exemplo para provar que ele fazia tudo com vistas à filosofia e como essa relação deu origem ao apelido? A admoestação que Zenão dirige a seus ouvintes é a chave para compreender, primeiro, o contraste do modo de vida cleanteano e, segundo, como isso exemplifica sua dedicação absoluta à filosofia: “οἱ δὲ ἔχοντες ὄθεν τρέφονται **παρ’ ἑτέρων** ἐπιζητοῦσι τὰ ἐπιτήδεια, καίπερ ἀνεμμένως φιλοσοφοῦντες”. Isso significa que os demais, podendo filosofar tranquilamente, procuram prover-se do que é conveniente fora de si mesmos, ao invés de em si mesmos, como Cleantes. O fragmento SVF 1.471 parece dialogar de certo modo com essa ideia: “(Cleantes disse que) ‘a parte mais importante do bem-estar reside toda nisto: focar nas coisas que estão ao nosso alcance’”.<sup>54</sup>

Portanto, diferentemente da narrativa da Suda, a fonte escolhida e utilizada por Diógenes associa o apelido heroico diretamente ao fato de Cleantes prover-se do que é conveniente por si mesmo, e indiretamente a sua afirmação de que realiza cada ação tendo por horizonte a filosofia. Essa versão de sua biografia valoriza a liberdade do filósofo, seguindo o modelo ético conforme a visão cínica do mito.

Porém, a independência radical do amante da sabedoria exige um tipo específico de exercício, como apontado também na seção anterior, ela está condicionada aos esforços e labores naturais, voltados para os fins morais de desprezo dos prazeres e foco na virtude. Ou seja, o elogio de Zenão se volta (‘i’) diretamente para o resultado de uma, a liberdade, e (‘h’) indiretamente o próprio filósofo indica os labores exigidos para a conquista dessa liberdade (“ἀντλῶ”, “σκάπτω”, “ἄρδω”), a finalidade de suas ações (“πάντα ποιῶ φιλοσοφίας ἕνεκα”).

Como sugerido antes, a narrativa resumida da Suda aproxima esses elementos e cria um nexo de causa e consequência mais claro, e mais cínico.

#### 4. CENTRALIDADE DA ΦΙΛΟΠΟΝΙΑ

Antes de qualquer outro avanço a esse respeito, parece difícil relativizar a importância que a menção expressa ao labor (“πόνος”) e ao apelido de

<sup>54</sup> “π[λ]εῖστον μέρος εὐημ[ε]ρίας ἔ[v] εἶναι <εἰπεῖν>, σκοπεῖν [τὰ] κ[α]θ’ αὐτόν.” (Phld. *Ind.Sto.* col.22).

“segundo Hércules”<sup>55</sup> tinham. Ainda que posta à parte a interpretação alegórica que o herói tebano receberá nomeadamente no contexto da física cleanteana<sup>56</sup> e indiretamente na ética<sup>57</sup>, sua menção aqui não poderia evocar outra coisa, senão o modelo ético cínico, capaz de enfrentar qualquer trabalho, labor, sofrimento. O amor ao labor, por sua vez, somente ganha um valor filosófico no contexto de contato e ajuste entre cinismo e estoicismo. A outra menção ao semideus tebano nos fragmentos cleanteanos em contexto biográfico-anedótico trata justamente do imperativo de suportar ser ridicularizado, já que o próprio Hércules e Dionísio o faziam.<sup>58</sup> A tolerância a xingamentos é uma modalidade reconhecida de exercício moral praticada pelos cínicos.<sup>59</sup>

Alguma mediação ainda falta para se partir de seu amor à filosofia e chegar ao amor ao labor, e a resposta sobre o que está implícito aí pode ser buscada em seus próprios fragmentos. Os testemunhos de seu amor ao labor são muitos: **“Preferindo sua própria vida** à dos ricos, dizia que enquanto aqueles brincam de bola, **cavando ele lavra a terra dura e sem fruto**”;<sup>60</sup> “A um certo Lacedemônio dizendo que o labor é um bem, rejubilando disse: ‘És de bom sangue, caro menino’”<sup>61</sup> (DL 7.172). A versão completa e mais eloquente da anedota está em Estobeu:

Ou não foi este rapaz espartano aquele que perguntou ao filósofo Cleantes se o labor é um bem? Pois ele era manifestamente dotado tão belamente por natureza e bem criado para a virtude, que considerava que o labor estava mais próximo do bem da natureza do que do mal. E como aquele concordava que o labor não é um mal, indagava se ele é um bem. Por isso, Cleantes cheio de admiração pelo rapaz lhe declarou então: ‘és de bom sangue, caro menino, pela maneira como falas’.<sup>62</sup>

<sup>55</sup> “Cleantes que, de maneira significativa, era apelidado de segundo Hércules e que foi provavelmente, com Ariston de Quios, o estoico mais impregnado pelo cinismo” (Goulet-Cazé, 2001, pp.165-166).

<sup>56</sup> SVF 1.514.

<sup>57</sup> SVF 1.563.

<sup>58</sup> DL 7.173 (= SVF 1.603). Os fragmentos são ricos em tentativas de ridicularizar Cleantes, comparando-o a animais e com xingamentos, que são toleradas, antecipadas e aceitas serenamente pelo filósofo: SVF 1.463a (*in fine*, versos de Tímon), 1.464, 1.470, 1.599, 1.602. Esses são acompanhados de fragmentos sobre seu desdém em relação à fama: SVF 1.559, 1.560.

<sup>59</sup> DL 6.90 (= SSR 5.H27).

<sup>60</sup> “προκρίνων δὲ τὸν ἑαυτοῦ βίον τοῦ τῶν πλουσίων ἔλεγεν, ἐν ᾧ σφαιρίζουσιν ἐκεῖνοι, <αὐτὸς> τὴν ἄκαρπον ἐργάζεσθαι σκάπτων.” (DL 1.171 =SVF 1.598).

<sup>61</sup> “Λάκωνός τινος εἰπόντος ὅτι ὁ πόνος ἀγαθόν, διαχυθείς φησιν· ‘αἷματός εἰς ἀγαθοῦ, φίλον τέκος’” (Cf. Od.4.611) (= SVF 1.611b).

<sup>62</sup> ἢ οὐ τοιοῦτος παῖς ἐκεῖνος ὁ Λάκων, ὃς Κλεάνθη τὸν φιλόσοφον ἠρώτησεν, εἰ ἀγαθὸν ὁ πόνος ἐστίν; οὕτω γὰρ ἐκεῖνος φαίνεται φύσει πεφυκῶς καλῶς καὶ τεθραμμένος εὖ πρὸς ἀρετὴν, ὥστε ἐγγιον εἶναι νομίζειν τὸν πόνον τῆς τάγαθοῦ φύσεως ἢ τῆς τοῦ κακοῦ· ὃς γε ὡς ὁμολογουμένου τοῦ μὴ κακὸν ὑπάρχειν αὐτόν, εἰ ἀγαθὸν τυγχάνει ὧν ἐπυθάνετο. ὅθεν καὶ ὁ Κλεάνθης ἀγασθεὶς τοῦ παιδὸς εἶπεν ἄρα πρὸς αὐτόν· ‘αἷματος εἰς ἀγαθοῦ, φίλον τέκος, οἷ ἀγορεύεις.’”.

Algum esclarecimento é obtido sobre o significado dessa concepção do labor com um testemunho de Plutarco:

O rei Antígono perguntou a Cleantes, por havê-lo longamente observado em Atenas ‘ainda móis grãos?’. Ele respondeu ‘Moo, caro rei, faço isso com vistas a não me afastar nem de Zenão nem da filosofia.’ Tal o pensamento desse homem, a partir do moinho e da masseira - com mão que fermenta e sova - escrever sobre os deuses e a lua e os astros e o Sol.<sup>63</sup>

O labor é considerado aqui uma condição para não se afastar da filosofia e nem de seu mestre. A segunda parte da citação é intrigante: “πεπτούση χειρὶ καὶ ἀλούση γράφειν περὶ θεῶν καὶ σελήνης καὶ ἄστρον καὶ ἡλίου”, ou seja, o labor, o esforço não é uma pré-condição para poder filosofar, senão uma parte integral da atividade filosófica. Qual é a importância do amor ao esforço para a busca da sabedoria? Em que pese o fato de várias respostas serem possíveis, o estudo propõe que essas atividades literalmente laborais o ajudam a realizar precisamente o que Diógenes de Sinope recomenda: “aqueles que escolherem viver felizes **devem se dedicar aos (labores) que estão de acordo com a natureza (...)** Pois o desprezo pelo prazer, uma vez praticado, acaba se tornando prazeroso” (DL 6.71).

A tendência ao repúdio do prazer<sup>64</sup> está alinhada com uma teoria unitária da alma, como a estoica, em que paixões, desejos e prazeres são considerados oscilações, movimentos exagerados e antinaturais da alma.<sup>65</sup> Uma vez estabelecido que os prazeres e dores sejam ou um mal ou algo indiferente, então seu enfrentamento diuturno de labores (φιλοπονία) tão bem exemplificado por sua pobreza e pela dupla jornada de labores<sup>66</sup> se torna mais compreensível como parte da atividade filosófica.

Tal concepção de filosofia, como um modo de vida em tempo integral, faz com que se torne necessariamente um observador de si mesmo. Ademais, se estudava filosofia nesse sentido, observava os outros filósofos<sup>67</sup> no modo como conduziam suas vidas. Logo, seu amor à filosofia não se resumia à leitura e ao diálogo com os demais estudiosos. De seu amor à filosofia como modo de

<sup>63</sup> Κλεάνθη δ' ὁ βασιλεὺς Ἀντίγονος ἡρώτα διὰ χρόνου θεασάμενος ἐν ταῖς Ἀθήναις ‘ἀλεῖς ἔτι, Κλέανθε;.’ ‘ἀλῶ,’ φησίν, ‘ὃ βασιλεῦ· ὁ ποιῶ ἔνεκα τοῦ Ζήνωνος μὴ ἀποστῆναι μηδὲ φιλοσοφίας.’ ὅσον τὸ φρόνημα τ' ἀνδρός, ἀπὸ τοῦ μύλου καὶ τῆς μάκτρας πεπτούση χειρὶ καὶ ἀλούση γράφειν περὶ θεῶν καὶ σελήνης καὶ ἄστρον καὶ ἡλίου. (SVF 1.465, 1.597b).

<sup>64</sup> SVF 1.556, 1.562a, 1.583, 1.574, 1.617.

<sup>65</sup> SVF 1.202; DL 7.110-116 (= SVF 1.205); Stob. Ecl. 2.88.8-93.13 (= SVF 3.378, 389, 394).

<sup>66</sup> O tema da duplicidade dos labores é recorrente também, como na passagem mencionada em Valério.

<sup>67</sup> SVF 1.463a, 1.466b, 1.597ab, 1.608.

vida, portanto, parece decorrer sua dedicação, seu esforço para tornar-se sábio e virtuoso; desse esforço decorre seu amor ao labor, como algo que ensina a combater o mal e afasta o que é indiferente; desse amor ao labor (φιλοπονία) e independência em relação à outras pessoas e objetos (αὐτάρκεια) decorre seu reconhecimento como o outro Hércules. Como integrar essa relação intricada entre labor e sabedoria, por um lado, e suas teses intelectualistas a respeito da virtude?<sup>68</sup> Esta não é uma pergunta para a qual o presente estudo pode propor uma resposta.

A pergunta proposta no início deste estudo – sobre por que a vida de Cleantes pode ser tal prova ou servir como material para uma narrativa cinicizante – estaria desse modo contemplada; sua capacidade de superar dificuldades, sua pobreza e dedicação ao estudo passaram para a história do pensamento ocidental como matéria-prima apropriada para expor o diálogo entre os cínicos e estoicos.

Caberia uma pequena objeção sobre quão cínica sua vida foi. Uma concessão deve ser feita a essa pergunta, pois sua vida, segundo os relatos, não foi integralmente cínica. Alguns aspectos da ascese cínica não são encontráveis nas narrativas biográficas cleanteanas, por exemplo, a completa franqueza ao falar (παρρησία), a desvergonha plena em relação ao espaço público (ἀναιδεΐα). Tampouco há qualquer referência ao porte dos emblemas cínicos por excelência: o manto, o cajado e a bolsa.

Parece lógico, de todo modo, concluir que havia um nexo próprio entre o estoico e os cínicos, embora não necessariamente essa relação deva excluir a mediação de Zenão, já que ele pode muito bem ter agido como um legítimo mestre cínico em algumas questões. Cleantes encerra e simboliza em sua dupla jornada de trabalho e estudo o interesse sistemático do estoicismo, sistemático até no propósito de fundir uma tradição filosófica humanista e uma cientificista,<sup>69</sup> embora essa última tendência não tenha sido abordada aqui.

<sup>68</sup> DL 7.89-93 (=SVF 1.567); DL 7.127-129 (=SVF 1.568, 1.569). Cf. DL 6.10, 6.105. Ou bem a virtude seria um conhecimento e, ao dominar tal saber, o sujeito não poderia mais falhar, ou bem tal saber por si só não é suficiente para garantir a eficácia prática da virtude e o exercício do labor viria coadjuvar e fortalecer a vontade do sujeito. Goulet-Cazé (*op. cit.*, pp. 163-168) sugere uma associação interessante entre a teoria da virtude em Cleantes (SVF 1.563), como τόνος (tônus, tensão) na alma, e a importância do exercício para garantir a firmeza e fortaleza dessa tensão. A noção de ἄσκησις surge explicitamente com o verbo “ἠσκεῖτο” (Stob. Ecl.2.2.16.2 = SVF 1.608). Cleantes, ao comparar os antigos aos contemporâneos, contrasta o esforço daqueles em praticar obra (ἔργον) com o esforço de sua época na prática do discurso (λόγος). Esse é um caso em que a noção de labor, de esforço útil é mencionada por outra palavra além de πόνος.

<sup>69</sup> Cf. Hadot, 1995, pp. 264-275; Sellars, 2017, *passim*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos biográficos, de anedotas e apotegmas, como textos formativos e exortativos, também podem ser lidos como testemunho filosófico neste caso, ainda mais em se tratando de um pensador comprometido em conduzir-se coerentemente na vida segundo um elevado modelo ético, com o qual é identificado. O nexa entre Cleantes e os filósofos cínicos é forte, porém não ao ponto de poder qualificá-lo como cínico descuidadamente.

Uma das contribuições deste estudo foi mostrar que a resposta sobre o que está implícito na narrativa biográfica cínica de sua vida pode ser buscada nos próprios fragmentos. Como já se tratou anteriormente, isso não implica em relativizar seu aspecto estoico, apenas em tentar demonstrar de maneira sólida que há uma relação particular entre Cleantes e o cinismo. Se o discurso do filósofo não é o mais eloquente, se ele se vê ameaçado por adversários e por colegas estoicos, por exemplo Ariston,<sup>70</sup> sua vida, como objeto privilegiado para a realização da sabedoria, é sua obra mais persuasiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, A. (ed.). *Suidae lexicon*. Lexicographi Graeci 1.1-1.4. 4 vols. Leipzig: Teubner, 1928-1935.
- ALGRA, K. et al. (eds.). *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- ARNIM, H. F. A. (ed.). *Stoicorum veterum fragmenta*. 4 vols. Leipzig: Teubner, 1905-1924.
- BRANCACCI, A. Antisthène et le stoïcisme: la logique. In: GOURINAT, J.-B. (éd) *Les stoïciens*. Paris: Vrin, 2005.
- BRANDIS, A. (ed.). *Aristotelis opera*. Volumen quartum: scholia in Aristotelem. Berlin: G. Reimer, 2005.
- CAZZI, F. D. *Antisthenis fragmenta*. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1966.
- CHOUNARD, I. *La conception de la liberté chez les premiers Cyniques*. Mémoire de maîtrise. Centre d'études classiques, Faculté des art et des sciences de l'Université de Montréal. Montréal, abril 2016.
- DECLERCK, J. Five unedited Greek Scholia of Ps-Nonnos. *L'Antiquité Classique*, v.45, n.1, pp. 181-189, 1976.
- DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. 2.ed. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent Philosophers*. Translated by R.D. Hicks. 2 vols. London: Heinemann, 1925.
- DORANDI, T. (ed.). *Filodemo: Storia dei filosofi – La Stoà da Zenone a Panezio (PHerc. 1018)*. Leiden: Brill, 1994.
- DORANDI, T. (ed.). *Diogenes Laertius: Lives of eminent philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- DUDLEY, D. R. *A History of Cynicism: from Diogenes to the 6<sup>th</sup> century A.D.* London: Methuen, 1937.

<sup>70</sup> DL 7.161.



- GIANNANTONI, G. (ed.). *Socratis et Socraticorum Reliquiae*. 4 vols. Napoli: Bibliopolis, 1990.
- GIGANTE, M. Biografia e dossografia in Diogene Laerzio. *Elenchos*, v. 7, pp. 7-102, 1986.
- GOMPERZ, T. Eine verschollene Schrift des Stoikers Kleanthes, der 'Staat' und die sieben Tragödien des Cynikers Diogenes. In: DORANDI, T. (Ed.) *Theodor Gomperz. Eine Auswahl herkulanischer kleiner Schriften (1864-1909)*. Leiden: Brill, 1993.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; GOULET, R. (eds.). *Le cynisme ancien et ses prolongements: Actes du Colloque International du CNRS (Paris, 22-25 juillet 1991)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; GOULET, R. Une liste de disciples de Cratès le Cynique en Diogène Laërce 6,95. *Hermes*, n.114/2, pp. 247-252, jun-ago 1986.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; GOULET, R. *L'ascèse cynique: un commentaire de Diogène Laërce VI 70-71*. 2.ed. Paris: Vrin, 2001.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; GOULET, R. Le cynisme ancien : entre authenticité et contrefaçon. *Aitia* (en ligne), n.5, 2005.
- HARMON, A. M. (ed.). *Lucian: Works with an English translation*. Cambridge, MA/ London: Harvard University Press/ Heinemann, 1913.
- HADOT, P. *Philosophy as a way of life: spiritual Exercises from Socrates to Foucault*. Edited with an introduction by A. I. Davidson. Translated by M. Chase. Oxford: Blackwell, 1995.
- HOÏSTAD, R. *Cynic hero and Cynic king: studies in the Cynic conception of man*. Diss. Uppsala Universitet. Lund: Carl Bloms Boktryckeri, 1948.
- HULTSCH, F. (ed.). *Censorini de die natali liber*. Leipzig: Teubner, 1867.
- JOSSERAND, C. Ragnar Höistad, Cynic Hero and Cynic King. Studies in the Cynic Conception of Man. Diss. Lund, Carl Bloms Boktryckeri, 1948. *L'antiquité classique*, n.20/2, pp. 527-528, 1951.
- KEMPE, C. (ed.). *Valerii Maximi Factorum et Dictorum Memorabilium Libri Novem cum Iulii Paridis et Ianuarii Nepotiani Epitomis*. Stuttgart: Teubner, 1888.
- LIDDELL, H.G.; SCOTT, R. A Greek-English Lexicon. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- LONG, A. A. *Stoic studies*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- LONG, A. A. *Epictetus: a Stoic and Socratic guide of life*. Oxford: Clarendon Press, 2004.
- LONG, A. A. *From Epicurus to Epictetus: studies in Hellenistic and Roman Philosophy*. Oxford: Clarendon Press, 2004.
- MANSFELD, J. Diogenes Laertius on Stoic philosophy. *Elenchos*, n. 7, pp. 297-382, 1986.
- MERRITT, B. D. Athenian Archons 347/6-48/7 B.C. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, n. 26/2, pp. 161-191, mai-ago 1977.
- MERLAN, P. Minor Socratics. *Journal of the History of Philosophy*, n. 10, pp. 143-52, 1972.
- MRAS, K. (ed.). *Eusebius Werke. Band 8: Die Praeparatio evangelica*. Berlin: Akademie Verlag, 1954-1956.
- NAVIA, L. E. *Classical cynicism: a critical study*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1996.
- NAVIA, L. E. *Diogenes of Sinope: the man in the tub*. Westport, Connecticut: Greenwood, 1998.
- ONFRAY, M. *Cinismos: retrato de los filósofos llamados 'perros'*. Traducción de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- GLARE, P. G. W. (ed.) OXFORD LATIN DICTIONARY. 2.ed. Oxford: Clarendon Press, 2012.
- PAQUET, L. *Les Cyniques Grecs: fragments et témoignages*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1975.

- PEARSON, A. C. (ed.). *The fragments of Zeno and Cleanthes: with introduction and explanatory notes*. New York: Cambridge University Press, 1891.
- ROSSETTI, L. Sócrates y la cultura del autocontrol. *LIMES: Centro de Estudios Clásicos Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación*, n.20, pp. 39-52, 2008.
- ROSSINO, C. M. (ed.). *Herculanensium voluminum quae supersunt*. v. 8. Nápoles: Regia Typographia, 1844.
- ROTTA, P. *I socratici minori*. Brescia: Scuola, 1948.
- SELLARS, J. What is Philosophy as a way of life? *parrhesia*, v.28, pp. 40-56, 2017.
- SLOTERDIJK, P. *Critique of Cynical Reason*. Minneapolis: Minnesota University Press, 1988.
- SMITH, J. N. (ed.). *Pseudo-Nonniani in iv orationes Gregorii Nazianzeni commentarii*. Turnhout: Brepols, 1992.
- SMYTH, H. W. *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1920.
- VOSS, B. R. Die Keule der Kyniker. *Hermes*, v. 95, n. 1, pp. 124-125, 1967.
- WACHSMUTH, C; HENSE, O. (eds.). *Ioannes Stobaeus: Anthologium*. 5 vols. Berlin: Weidmann, 1884-1912.
- WAERDT, P. A. V. *The Socratic Movement*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

Recebido: 1/03/2019

Aceito: 6/06/2019

Publicado: 27/06/2019

Rev. est. class., Campinas, SP, v.19, p. 1-18, e019003, 2019